

Área temática: Planejamento e Organização de Cursos e Programas

Um Estudo Sobre os Efeitos do Ensino Superior na Mobilidade Social de Estudantes de Administração da Região de Feira de Santana, Bahia.

AUTORES

LINDOMAR PINTO DA SILVA

Faculdade Anísio Teixeira - FAT

lpsilva@sefaz.ba.gov.br

TAIZ VIEIRA ALFAYA PINHEIRO

Faculdade Anísio Teixeira - FAT

taialfaya@hotmail.com

Resumo

Este trabalho investiga os efeitos da formação superior na mobilidade social de indivíduos egressos de cursos de Administração de faculdades em Feira de Santana, Bahia. Utilizou-se como referencial teórico o conceito de mobilidade social e de educação como uma instituição, defendida por Meyer (1977). Os dados foram coletados a partir de questionário com questões abertas e fechadas. Os resultados indicam as limitações das instituições de ensino em contribuir para a mobilidade social, funcionando muito mais como alocadora de indivíduos nas posições já definidas na sociedade do que promovendo transformações na vida destes indivíduos. O trabalho conta com uma introdução, tópicos que tratam da educação e mobilidade social. A metodologia foi marcada por uma pesquisa exploratória na medida em que pretende investigar e identificar fatores que possam suscitar conhecimento sobre o fenômeno que ocorre em determinada comunidade e a partir destes conhecimentos avançar na explicação deste fenômeno. Em seguida faz-se a discussão dos resultados da pesquisa, mas, antes deixa-se claro que trata-se apenas da primeira instância desta pesquisa e que o pretendido é uma aproximação da realidade na região. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

Palavras chave: Educação superior, Mobilidade Social, Instituição.

Abstract

This paper investigates the effects of university degree on social mobility of individuals who graduated from Business Administration courses in Feira de Santana, Bahia. It was used the theoretical definition of social mobility and education as an institution supported by Meyer (1977). Data were collected by application of a questionnaire with discursive and multiple choice questions. The results show the limitations of educational institutions in contributing to social mobility, only putting the professionals in positions already established in society instead of promoting changes in the lives of these individuals. The work has an introduction and topics dealing with education and social mobility. The methodology was an exploratory research intended to investigate and identify the factors that may contribute to foster knowledge about the phenomenon that occurs in a given community, and based on this knowledge make advances in explaining this phenomenon. In sequence we have the discussion of research findings, but it is worth to make clear that it is only the first

instance of this research and represents an approximation of reality in this region. Finally, it is brought the final considerations and the references.

Keywords: Higher education; University Degree; Social Mobility; Institution.

Introdução

Mobilidade social e educação são conceitos que historicamente parecem caminhar juntos no imaginário da sociedade brasileira. A representação social que sustenta esta relação permeia a cultura brasileira de tal modo que se percebe na atualidade uma expansão no número de matriculados no ensino superior brasileiro, tanto no setor público como no setor privado. E o governo cada vez mais utiliza recursos públicos para promover o ingresso de mais estudantes no ensino superior, mesmo privado, através de programas como o PROUNI.

Além da iniciativa privada, percebe-se nos governos um investimento na construção de novas universidades públicas ou expansão das que já existem, principalmente em regiões que não eram anteriormente atendidas por universidades públicas ou mesmo privadas. Interessante acrescentar que governos nas diversas esferas adotam algum tipo de política pública para financiar ou facilitar o acesso dos cidadãos de menor poder aquisitivo ao ensino superior.

Neste sentido, este artigo faz uma discussão sobre os efeitos da educação superior na carreira profissional de egressos do curso de Administração de faculdades da cidade de Feira de Santana, na Bahia. Definiu-se como objetivo principal investigar qual o papel e importância do curso superior para a mobilidade social de estudantes egressos dos cursos de administração de faculdades na cidade de Feira de Santana. Este objetivo busca responder a uma questão de pesquisa que se destaca da seguinte forma: Qual a mobilidade social provocada na carreira de egressos de estudantes de nível superior dos cursos de administração em faculdades na cidade de Feira de Santana? Este artigo parte da hipótese inicial de que o ensino superior nesta região não tem conseguido atender às expectativas de estudantes egressos de cursos de administração, já que como instituição da sociedade, a educação tem assumido um papel muito mais de alocadora de pessoas em posições já definidas na sociedade do que efetivamente de transformadora de realidades sociais, dificultando assim a mobilidade social daqueles que ingressam nas faculdades na expectativa de uma mudança social significativa. Desta forma, para alcançar estes objetivos, este artigo inicia com esta introdução e em seguida apresenta uma discussão teórica sobre mobilidade social e instituição. Em seguida é apresentada a metodologia da pesquisa seguida da apresentação dos dados coletados, bem como uma breve categorização do ensino superior brasileiro. Após tem-se uma discussão dos resultados e finaliza-se com uma conclusão.

Referencial teórico: Mobilidade Social- breves considerações

A mobilidade social é definida por Sorokin (2012) como toda a passagem de um indivíduo ou de um grupo de uma posição social para outra, dentro de grupos e de estratos sociais. Ela é um conceito muito utilizado nas ciências sociais para facilitar o entendimento das diferenças entre os integrantes de um conjunto humano que compartilha de uma mesma cultura. A mobilidade é importante por permitir que se observe os caminhos e alternativas de ascensão, troca ou rebaixamento que uma pessoa pode ter no ambiente em que estabelece suas relações.

Observa-se que em alguns grupos sociais a mobilidade está distante de ser algo real, especialmente nas situações em que o posto do cidadão é mantido muitas vezes durante toda a sua vida. Alguns teóricos costumam classificar como estratificadas as sociedades onde a mobilidade social pequena. Para Souza (2012, p.1), “um dos mais reconhecidos exemplos utilizados para esse tipo de situação é observado no interior da sociedade feudal, onde clérigos, nobres e servos dispunham de uma mesma posição ao longo da existência”. Ou seja a sociedade feudal é marcada pela estratificação embora a estratificação seja uma ideia que

notadamente enfrenta problemas no momento em que torna-se necessário defini-la, pois a mobilidade social é um conceito que pode ser relativizado.

É difícil dizer que não há nenhuma mobilidade social em um coletivo humano que compartilha experiências culturais parecidas. Todo ser humano está sujeito influências históricas ou socioambientais, o que pode influenciar e até transformar seus hábitos. Com estas modificações, estes sujeitos passam a reelaborar modificações e novas ordens sociais o que interfere nas hierarquias vigentes que abrem espaço para uma nova hierarquia e por mais discreta que seja, pode haver sim uma mobilidade social. Do contrário, seria pensar como Pastore (1979, p. 3) destaca: uma sociedade sem mobilidade é uma sociedade estagnada que simplesmente reproduz sua estrutura social ao longo do tempo (...)" A mobilidade constitui-se em um processo desejado pela maioria absoluta dos indivíduos que compõem uma sociedade e que se encontram em camadas menos favorecidas desta mesma. Definida como " um novo acesso a bens de consumo e qualidade de vida" (Lins, 1999), a mobilidade social comporta um conjunto de classificações que varia em função da linha teórica de quem procura estudá-la. Na mesma linha de Lins(1999), Scalon (1999, p. 51) compreende-a como " as oportunidades de movimento no contexto de mercado de trabalho e portanto, com a mudança nas posições de classe". Neste sentido, mobilidade social pressupõe, de fato, a movimentação do indivíduo entre as classes que compõem o sistema de estratificação social.

A mobilidade social pode ser caracterizada como ascendente e descendente, mas é possível estudá-la a partir de outras dimensões. Autores como Pastore (1979) e Silva (1979) discutem dimensão ocupacional da mobilidade, enquanto Barros (2000) e Ramos e Vieira (2000) concentram-se na dimensão da renda no contexto da mobilidade social e Pastore e Zylbertajn (1991), Barros e Lan (1991) e Barros e Santos (1991) destacam a dimensão da educação da mobilidade social. Da mesma forma que algumas dimensões se destacam, é possível identificar vários tipos e processos deste conceito. Destaca-se a mobilidade estrutural e a mobilidade de circulação (Figueiredo, 2006). Entende-se por mobilidade estrutural aquela decorrente de alterações estruturais e macroeconômicas que propiciam novas posições no mercado de trabalho e nos respectivos estratos, enquanto a mobilidade de circulação compreende a movimentação dentro do mercado, em que indivíduos dão lugar a outros (Scalon, 1999; Figueiredo, 2006).

Outra classificação apresentada por Scalon (1999) e discutida por Figueiredo (2006) defende as teses daquela autora. Segundo ela, seria possível distinguir três tipos de mobilidade social. A primeira delas denominada de "fechamento social permite maior mobilidade entre indivíduos em posições próximas; a segunda denomina-se contramobilidade ou compensação, a terceira é a imobilidade, que denomina a situação na qual indivíduos reproduzem nos estratos de destino suas posições de origem.

A mobilidade social ainda pode ser classificada em intrageracional e intergeracional. A mobilidade intrageracional refere-se ao movimento de uma mesma geração, constatada a partir do estrato de origem do indivíduo quando da sua entrada no mercado de trabalho e avaliada o estrato de destino no momento em que se avalia a situação na qual ele se encontra. Por sua vez, a mobilidade intergeracional refere-se á mobilidade entre a geração do pai e a do filho, tendo como padrão de avaliação os estratos do primeiro emprego do pai e o estrato do primeiro emprego do filho. Neste aspecto, é possível perceber que nos dois casos, a mobilidade social se percebe pela mudança de estrato, seja do próprio indivíduo quando se compara sua entrada e seu percurso de carreira, ou quando se avalia as condições de pais e filhos. Assim, sendo, no modelo intergeracional fornece, na atualidade, informações importantes que podem resultar do empenho que os pais têm feito no sentido de fornecer aos seus filhos, condições de educação melhores do que a que eles tiveram acesso.

Uma outra discussão importante no que se refere à mobilidade social é apresentada por Scalon (1999) e reproduzida por Figueiredo (2006) ao pensar nas possibilidades de mudança de estrato social. Utilizando-se das discussões de Parson (1954) e Goldthorpe (1986), Scalon (1999) destaca a existência de duas possibilidades de estratificação social. Baseando-se em Parson, a autora entende que a estratificação social baseia-se no status, que tem como base a educação e qualificação profissional, enquanto na concepção de Goldthorpe, a base da estratificação social é a herança do estrato. Neste último caso, não haveria facilmente mudança de estrato social.

Educação e Mobilidade Social

Com exceção para a mobilidade estrutural que ocorre em função de mudanças estruturais e macroeconômicas, é possível esperar que outros fatores contribuam para viabilizar a movimentação dos indivíduos de um estrato para outro na sociedade como destaca Lins (1999)

Pode-se dizer, por observação empírica e geral, que existe no Brasil uma ideia difundida de que a educação se constitui como uma alavanca para a mobilidade vertical de um indivíduo. A imaginação simbólica, individual ou coletiva poderia levar a este pensamento de que provavelmente a escola estivesse exercendo um papel desta natureza, isto é, agindo como instrumento de mobilidade social. (LINS, 1999, p. 183)

Nota-se desta forma, uma avalanche de abertura de universidades e faculdades, além de novas vagas nas universidades já existentes, bem como um aumento dos financiamentos e bolsas de estudos para que mais pessoas possam ingressar no ensino superior que é a “porta para a mobilidade social” já que isto garantirá a empregabilidade dos egressos destas universidades e faculdades. Esta associação entre educação e mobilidade social é apresentada como uma verdade. Lucchesi (1999, p. 38) destaca que “neste tempo e insegurança, uma das poucas certezas que se tem é o valor do conhecimento como gerador de riquezas, de bem estar e de ascensão social”.

A relação entre educação e mobilidade social é tão importante que diversos autores têm a observado. Nesta linha podem ser destacados os trabalhos de Franco e Castro (1981) que discutiram a relação entre a educação técnica e a mobilidade social, Souza, Ribeiro e Carvalhaes (2010) que discutem a relação entre classe, educação e raça e desigualdade e oportunidades no Brasil, e Lins (1999) que faz uma discussão sobre a relação entre educação, escolarização e mobilidade social. Observa-se em Figueiredo (2006) uma discussão sobre a relação entre conhecimento, desenvolvimento, cidadania e mobilidade social.

Uma discussão importante para este trabalho é a concepção de Meyer (1977) que considera a educação como uma instituição da sociedade. Uma instituição pode ser interpretada

como sendo a fornecedora de modelos morais e cognitivos que permitem a interpretação e a ação. O indivíduo é concebido como uma entidade profundamente envolvida num mundo de instituições compostos de símbolos, de cenários e de protocolos que fornecem filtros de interpretação, aplicáveis à situação ou a si próprio, a partir das quais se define uma linha de ação. Neste sentido, não somente as instituições fornecem informações úteis de um ponto de vista estratégico como também afetam a identidade, a imagem de si e as preferências que guiam a ação (HALL e TAYLOR, 2003, p.198)

Outro aspecto que merece consideração é o que Scott (2001, p.xix) apresenta como ponto para discussão, quando traz a seguinte proposição: “Por que as organizações e os indivíduos se conformam às instituições? É porque são recompensados fazendo assim, porque pensam são moralmente obrigados a obedecer, ou porque não podem conceber nenhuma outra maneira de comportamento?”. Ao descrever este questionamento, ele concorda com o fato de as

instituições serem efetivamente modeladoras da conduta do indivíduo nas organizações, apesar de levantar os motivos desta conformação às instituições pelos indivíduos. Entretanto, ainda seria importante registrar duas outras definições que norteiam este conceito. Scott considera que “*Instituições são compostas de elementos cognitivos, culturais, normativos e regulativos que juntos com atividades associativas e recursos, providenciam estabilidade e sentido para a vida social*” (SCOTT, 2001, p.48). Enquanto Meyer e Rowan (1977) dizem ser a instituição uma “*estrutura formal de muitas organizações na sociedade pós-industrial refletindo dramaticamente os mitos de seu ambiente institucional em substituição às demandas de suas atividades de trabalho*” (MEYER e ROWAN, 1977, p.41).

Diferente da ideia geral de que a educação é um processo de preparação do indivíduo para o sucesso, Meyer (1977) faz considerações importantes sobre o papel real da educação no processo de socialização do indivíduo. Para este autor,

A educação sempre foi vista como uma rede organizada de experiências socializadoras que preparam os indivíduos para agirem em sociedade. Ela possui um conjunto de regras que criam classificações públicas de pessoas e conhecimentos. Define quais indivíduos pertencem a quais categorias e possuem conhecimento apropriado. Ela define quem tem acesso a posições de valor. Ela é um elemento central dos indivíduos afetando grandemente as suas chances de vida”(MEYER, 1977, p.55)

Entretanto apesar desta visão dos sistemas de educação, este autor propõe uma rediscussão sobre o papel de fato da educação. Para ele, diferente de pensar que a educação tem o caráter geral de preparar os indivíduos e colocá-los nas diversas posições do mercado, o sistema educacional tem o papel mas amplo:

Entretanto recentemente, esta visão tem sido questionada dando à educação uma concepção institucional. Nesta visão a educação é vista como uma instituição alocadora, operando sob regras sociais que permitem as escolas conferir sucesso e fracasso na sociedade, longe dos efeitos socializadores. Nesta teoria da alocação, o sistema educacional teria pouca clareza sobre os efeitos na sociedade(MEYER, 1977, p. 56)

A preocupação deste autor é pensar que longe de ser um criador de oportunidades iguais para todas as pessoas da sociedade, o sistema educacional funcionaria como uma espécie de legitimação das classes sociais já existentes na sociedade. Neste caso, ao estilo ideológico, ele convence as pessoas a se adaptarem à posição que se encontram e aceitam as posições daqueles em posições mais relevantes. Neste sentido, ele ainda faz alusão ao fato de que, as credenciais acadêmicas por vezes, são mais importantes do que o conhecimento e as habilidades do candidato, por exemplo, em uma seleção para emprego. (Meyer, 1977). Sendo, assim, a educação, longe de promover a mobilidade social, contribuiria para manter os indivíduos nos estratos nos quais se encontram, salvo ocorram fatos estruturais que promovam a mobilidade estrutural, como definida por Scalon (1999).

Esta posição de Meyer (1977) é compartilhada por Lins (1999) quando ela destaca a existência de “representações sociais” e mitos ligados ao papel da educação no processo de mobilidade social. Para esta autora:

Educação como instrumento que possibilitaria a mobilidade social. Trata-se de uma representação social bastante difundida no imaginário geral da sociedade brasileira e que nem sempre corresponde à realidade. Os problemas da qualidade da escola, do acesso à escola, das finalidades da escola ainda não estão plenamente resolvidos de modo que esta possa, além de seus outros fins específicos, ainda que indiretamente, servir como um instrumento de ascensão social (LINS 1999, p. 181)

Tanto Meyer (1977) quanto Lins (1999) lançam dúvidas sobre o papel tão importante atribuído à educação. Para Lins (1999), é ainda mais grave o fato de que ao longo de outros

estudos não se conseguir vislumbrar modificações significativas nos indivíduos nem mesmo em questões como o próprio comportamento em sociedade

Metodologia da pesquisa

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória na medida em que pretende investigar e identificar fatores que possam suscitar conhecimento sobre o fenômeno que ocorre em determinada comunidade e a partir destes conhecimentos avançar na explicação deste fenômeno. Trata-se também de uma pesquisa quantitativa e quantitativa, utilizando-se a estatística descritiva para analisar as questões fechadas e a análise de conteúdo para as questões abertas, onde se buscou encontrar categorias de respostas, a partir das entrevistas realizadas com os participantes. Os dados foram obtidos através de um questionário que possuía 32 questões, sendo 12 questões fechadas e 20 questões abertas. As questões fechadas avaliaram a instituição de ensino dos entrevistados, a faixa etária, o tempo de formação, níveis salariais, gênero e disposição das empresas em contratar indivíduos egressos de instituições de ensino da região. As questões abertas, procuraram investigar a percepção dos entrevistados sobre temas como mobilidade social e educação, importância do nível superior, mercado de trabalho, processo de seleção nas empresas e valorização profissional.

Participaram da pesquisa 46 indivíduos egressos dos cursos de administração de universidades/faculdades da cidade de Feira de Santana. As entrevistas foram realizadas entre os meses de janeiro e março de 2012. A análise de conteúdo foi realizada após a transcrição das entrevistas buscando-se criar categorias de respostas a partir da análise das entrevistas. Após esta categorização, utilizou-se a análise quantitativa para analisar a frequência das respostas que continham expressões que se relacionavam com uma das categorias definidas. No texto, os respondentes foram identificados pela letra E, seguida do número que foi atribuído a este indivíduo. Desta forma, a expressão E.1 indica a resposta do indivíduo número 1.

Por tratar-se de pesquisa exploratória, procurou-se utilizar um grupo de docentes de uma das instituições de ensino superior para avaliar sua percepção sobre as possibilidades de mobilidade social dos alunos egressos desta região. Foi enviado para estes professores um questionário com 19 questões abertas onde os professores poderiam discutir sobre os temas envolvidos nesta pesquisa, como mercado de trabalho, teoria e prática, modernização dos métodos de ensino, atualidade dos conteúdos e a percepção sobre a valorização da formação superior pelas empresas da região. Os dados foram tratados através da análise de conteúdo. No texto, os professores foram identificados como letra P, seguida de um número que foi atribuído ao número da entrevista. Assim, a expressão P.1 indica que refere-se ao professor 1.

O ensino superior no Brasil: breves caracterizações

O Ensino superior no Brasil vem passando por significativas transformações nos últimos anos. Quando se analisa a evolução do número de vagas disponíveis no ensino superior, é surpreendente como os números crescem. Criou-se um “mito” de que a educação superior é a porta para a mobilidade social, e neste sentido, governos e iniciativa privada muito fizeram para preencher os espaços com a criação de novas vagas. Apenas para uma breve consideração, a quantidade de vagas no ensino superior no Brasil salta de cerca de 500 mil em 1993 para 2,8 milhões de vagas em 2007.

Da mesma forma o número de cursos superiores salta de 4.908 em 1991 para 27.827 em 2009, um aumento extremamente significativo. É surpreendente o número de concluintes

entre os anos de 1991 e 2007. Em 1991 concluíram o ensino superior, 236.410 estudantes, em 2007, foram 736.829 estudantes. A análise dos números de matriculados igualmente surpreende: de 1.565.056 em 1991 para quase 5 milhões em 2009.

Especialmente, o curso de Administração tem maior número de matriculados entre todos os cursos de graduação. Em 2009, os dados indicam uma quantidade de 1.102.579 matriculados no ensino superior em administração, representando 18,5% de todos os matriculados no ensino superior no Brasil. Deste número, 874.076 estão matriculados no ensino presencial enquanto 228.503 no ensino à distância. (INEP, 2012)

Dados da amostra: dados quantitativos

Na região há instituições presenciais à distância. Foram identificadas 6 instituições presenciais e 6 instituições de EaD, representando uma quantidade de cursos superiores. A tabela 1 mostra a relação de instituições de ensino e seus indicadores de qualidade. No caso das presenciais, uma é pública estadual, enquanto as demais são particulares. As instituições foram identificadas na tabela 1 por letras de A a K como forma de manter o sigilo sobre suas identidades.

Tabela 1 – instituições presentes na amostra

Instituição de Ensino Superior	Respondentes	Cidade da Universidade	Enad 2009	CPC 2009	IGC 2009
A	2	Feira de Santana	3	0,9443	2
B	25	Feira de Santana	3	2,4069	3
C	5	Feira de Santana	3	2,0461	2
D	9	Feira de Santana	5	3,1975	3
E	3	Feira de Santana	2	1,7217	2
H	1	Feira de Santana			
I	2	Feira de Santana			

Fonte: pesquisa de campo e MEC

O Índice Geral de Cursos da Instituição (IGC) indica a qualidade da instituição e leva em conta a qualidade dos cursos de graduação e pós-graduação(mestrado e doutorado). Para a graduação, utiliza-se o Conceito Preliminar de Curso (CPC). Espera-se um valor entre 1 a 5, sendo que 1 é o de pior qualidade enquanto 5 representa a melhor qualidade. O CPC utiliza o Conceito do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) que avalia o desempenho dos concluintes, ingressantes, o Conceito Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado (Conceito IDD) e as variáveis de insumo. As variáveis de insumo são formadas por indicadores do corpo docente, infra estrutura e programa pedagógico(INEP, 2012)

A tabela 1 acima destaca as instituições de ensino que apareceram nas respostas dos egressos. Dela percebe-se pouca variação nos indicadores de qualidade entre as instituições, destacando-se apenas positivamente a D e negativamente a E para o caso da avaliação do ENAD, e positivamente a B e a D positivamente e a C, A e E negativamente no que se refere ao IGC. De qualquer forma, não há grandes variações na percepção de qualidade avaliada pelo MEC entre as instituições na região em estudo. As instituições H e I não tinham disponíveis os dados de avaliação do MEC.

É preciso deixar claro que esta é uma primeira instancia de um estudo que terá várias etapas e que se pretende ampliar esta amostra. Não se trata de um estudo conclusivo, no momento, o objetivo foi o de se aproximar da realidade. Sendo assim, dos respondentes, 26 são mulheres e 20 são homens. A faixa etária dos respondentes pode ser assim descrita: 15% tem entre 20 e 24 anos, 41% tem entre 25 e 29 anos, 22% tem entre 30 e 34 anos, 13% tem

entre 35 e 39 anos, 2% tem entre 40 e 44 anos e 7% tem entre 45 e 49 anos, demonstrando uma amostra composta por pessoas relativamente jovens, equivalendo a 91% da amostra com as pessoas com menos de 39 anos, concentrando-se entre 25 e 39 anos, com 63% dos indivíduos. Ainda sobre os dados dos indivíduos, 57% deles ainda possuem apenas a graduação, enquanto 43% deles já possuem nível de pós-graduação. Nenhum deles possui mestrado ou doutorado.

A questão 18 buscou investigar a percepção dos entrevistados sobre a valorização da formação superior pelas empresas da região. Segundo os respondentes, 30 delas(65%) valorizam a formação superior na contratação dos seus empregados, enquanto 16 delas(35%) não a valorizam. Entretanto, há uma contradição entre as repostas às questões 18 e 29. Nesta foi perguntado se os empresários da região valorizam a formação superior. Quando os entrevistados precisaram justificar a valorização ou não da formação superior, há uma inversão do percentual daqueles que acham que a formação superior é valorizada na região. Os discursos dos entrevistados reforçam este aspecto de desvalorização:

Eu percebo que muitos empresários hoje em dia, a depender da função só contratam pessoas de nível superior, mas não valorizam por causa disso. Inclusive não pagam bem(E.17)

A maioria dos cargos de Administrador, por exemplo, estão ocupados por pessoas não qualificadas. (E.21)

Não, a remuneração oferecida na região é muito baixa e praticamente não existem planos de cargos e salários nas empresas privadas(E. 39)

A questão 30 perguntou se o entrevistado se sente apto para disputar cargos gerenciais com profissionais formados em outras regiões do país como sul e sudeste. A maioria absoluta, 32 deles(70%) afirma que sim, enquanto 30% deles afirmam não estar em condições competir com outros profissionais. Esta questão também foi comparada com a questão 31 que investigou as diferenças entre instituições de ensino das diferentes regiões, comparando-as com a região em análise. Na questão 31 quase 60% dos respondentes afirmaram que as instituições de ensino de outras regiões possuem condições de oferecer aos seus estudantes melhores chances para obterem os melhores empregos. Para reforçar esta percepção, destacam-se os seguintes trechos dos discursos dos entrevistados:

Não. Em relação a aprendizado acredito que a Bahia deixa um pouco a desejar, em relação a outros estados(E. 18)

Não. Falta homogeneização na qualidade do ensino, o sul e o sudeste se destacam pela qualidade de profissionais que lançam no mercado (E.19)

Entretanto faz necessário fazer ressalvas na medida em que muitos egressos afirmaram que, apesar das deficiências das instituições, o aluno é praticamente responsável pelo seu sucesso profissional. Provavelmente esta percepção poderia justificar as diferenças entre as repostas 19 e 31. Na questão 31 várias repostas fizeram a observação sobre o papel do estudante na criação de suas próprias oportunidades. Entretanto, se os estudantes são colocados em contextos em que as condições de ensino-aprendizagem não são adequadas, raramente eles saberão, por exemplo, se seus conhecimentos são suficientes e mais ainda se o que eles estão aprendendo é útil para o mercado.

Dos autores que consideram a educação como uma alavanca para a mobilidade social (LINS, 1999; FIGUEIREDO, 2006), se permitiria contestar a capacidade das escolas na região estudada já que as condições diferenciadas reduziriam as chances dos seus egressos. Neste sentido, a escola como uma instituição que mais aloca os indivíduos nas posições já definidas na sociedade parece mais adequada do que pensá-la como “a alavanca” que vai transformar a vida dos indivíduos (MEYER, 1977).

Como o objetivo desta pesquisa é investigar o papel da universidade na sua capacidade de promover a mobilidade social, perguntou-se aos entrevistados quais aspectos de suas vidas

foram mais transformados depois da formação superior(questão 14). Foram dadas as seguintes opções de respostas: **ascensão social, apenas aspecto salarial, prestígio familiar, pouca coisa mudou ou nada mudou**. As respostas foram assim distribuídas: ascensão social: 21 pessoas(46%), apenas aspecto salarial: 4 pessoas(9%), prestígio familiar: 3 pessoas(7%), pouca coisa mudou: 18 pessoas(39%) e nada mudou:0. Neste caso, comparando-se com as respostas das perguntas sobre variação salarial, há uma certa coerência na medida em que os entrevistados associaram a ascensão social muito fortemente à questão salarial. A quantidade de pessoas que respondeu “nada mudou” é significativa dentro do contexto da pesquisa já que representa 39% da amostra. A resposta indica uma certa desilusão com o término do curso.

Esta questão revela-se interessante já que se percebe que os entrevistados manifestam outra dimensão da mobilidade social além da questão financeira, conforme destaca Pastore (1979) e Silva(1979) e Figueiredo(2006). Os entrevistados conseguem separar o papel da graduação na transformação de outros aspectos de suas vidas.

No que se refere aos cargos ocupados antes e depois da formação, algumas considerações são feitas. Nota-se que 4 pessoas estavam desempregadas e 8 eram estagiários. Na atualidade, apenas 4 deles declararam ser administradores, enquanto 12 deles estão em cargos de assistentes administrativos. Há ainda pessoas com o cargo de telefonista, técnico administrativo, 3 corretores de imóveis, 2 bancários e supervisores de vendas. Em certa medida, houve pouca variação no que se refere à denominação dos cargos ocupados pelos estudantes depois de formados. Outra constatação é a regionalização dos empregos ocupados pelos ex-alunos, isto é, a maioria absoluta deles atuam na cidade de Feira de Santana, ou duas cidades próximas, que fazem parte da região. Neste sentido, há poucos alunos atuando fora da região onde foram graduados. Neste sentido, se o mercado regional não parece promissor no que se refere às oportunidades a serem oferecidas aos profissionais, isto pode constituir-se em um limitador para a mobilidade social dos indivíduos já que os salários na região são relativamente mais baixos do que em outras regiões mais desenvolvidas.

A questão dos cargos é interessante já que aparentemente as denominações destes não parecem designar cargos de alta relevância nem empresarial e nem social. Não que sejam de pouca importância para a sobrevivência dos indivíduos, mas que como foi dito por alguns entrevistados, muitas pessoas continuam exercendo cargos sem nenhuma relevância quando se compara com o fato de possuir nível superior. Muitos afirmaram que a maioria dos seus colegas trabalham como auxiliar de escritório, caixas de banco, crediárias em lojas ou empregos semelhantes, denotando pouca variação no que se refere à ascensão profissional.

Análise dos dados das questões abertas

A partir deste ponto, são avaliadas as falas dos egressos. Um deles destaca-se pelo contraditório ao afirmar que “apesar da pouca valorização do profissional com formação superior na minha região, acredito que ainda é um grande e valioso diferencial no mercado”(E.46). Se o mercado não valoriza a formação superior em que aparece o diferencial para este mesmo mercado? Essas questões perpassam as falas dos diversos indivíduos.

A questão 19 procurou investigar na percepção dos indivíduos se eles percebem a necessidade de curso superior para a função que eles exercem atualmente. Em termos quantitativos, 35 deles afirmam ser necessário o curso superior, correspondendo a 76% da amostra. Daqueles que responderam não ser necessária a formação superior para o cargo, 4 deles afirmaram que os conhecimentos adquiridos na graduação são “de fundamental importância” demonstrando que estes indivíduos atribuem à formação superior uma importância para as suas vidas. Uma primeira reflexão a ser feita nesta questão refere-se ao fato de que na análise da questão 10 que investiga os cargos atuais dos respondentes, é

possível inferir que a maioria dos cargos não indica cargos para preenchimento por pessoas com nível superior, como é o caso de 12 em cargos de assistentes administrativos, telefonista, técnico administrativo, 3 corretores de imóveis, 2 bancários e supervisores de vendas. Um dos respondentes foi enfático ao afirmar que “ a prova disso é que eu vejo vários colegas em empregos comuns como caixa de loja, crediarias da empresa de material de construção, auxiliar de escritório, etc.”(E.11).

A questão 20 investiga a percepção dos respondentes sobre os seus colegas de turma. A pergunta é se eles acreditam que seus colegas terão chances de obter bons empregos já formados. As respostas perpassam por considerações que mais estão para possibilidades do tipo “se, então”. Os indivíduos parecem não ter desenvolvido a capacidade de análise das situações concretas e em vez disso, levam a questão para o campo das possibilidades futuras. Significa que eles não conseguem “lembrar” de seus colegas de turma e fazer uma análise sobre a real possibilidade daqueles de obterem um bom emprego. Parte significativa das respostas levaria a pensar que não. Isto porque faltaria interesse por parte de alguns, a remuneração é baixa e o mercado não faz diferenciação entre quem tem e não tem nível superior. Em resumo, parece haver um certo reconhecimento da falta de esforço de uma parte dos alunos, na percepção dos respondentes. Um dos respondentes foi enfático ao afirmar que

Nem todos. Muitos estão ali simplesmente para ocupar um espaço, por exigência dos pais, da sociedade etc. E, portanto, caso não despertem, ficarão sempre a margem(E.16)

A questão 22 investigou se os entrevistados sabem da existência de outras pessoas com nível superior em seu local de trabalho e se elas tiveram melhoria salarial após terem concluído o nível superior. Em termos quantitativos, 17 pessoas disseram que houve aumento salarial “pequeno, mas houve”. A maioria informa que não houve melhoria porque a empresa é pequena, revelando o porte da empresa em que parte significativa dos formados está atuando. Vários dizem ser “ser o único com nível superior porque a empresa é pequena”. As respostas a esta questão se assemelham às respostas sobre os cargos dos respondentes. De fato, as denominações dos cargos sinalizam cargos que são muito comuns em empresas de pequeno porte. Isso pode revelar também outro aspecto do mercado de trabalho na região em Feira de Santana: não há muitas grandes empresas, dificultando a inserção de egressos em empregos de maior importância. Isto levaria por consequência a dificuldade de mobilidade por falta de oportunidades no próprio mercado de trabalho. Esta situação vai aproximar-se do tipo de mobilidade proposto por Scalon(1999) denominada de imobilidade, já que o mercado parece atuar como fator limitante do processo de mobilidade social, coisa que seria modificada com a mobilidade estrutural discutida por Figueiredo (2006).

A questão 23 investigou o que os egressos achavam se o esforço que eles fizeram ao longo do curso de graduação foi suficiente para torná-los um grande profissional. E se eles deveriam ter feito algo diferente ao longo do curso. A análise do conteúdo das respostas revela categorias como faculdade, professores, colegas, imaturidade e arrependimento. Cada uma destas categorias revela-se a responsável pelo desempenho do aluno e a situação na qual se encontra na atualidade. É interessante registrar a quantidade relevante de respostas que revelam um reconhecimento do aluno da necessidade de “poderia ter feito mais. Por outro lado, destaca-se uma significativa participação da categoria “faculdades e professores” como causas das deficiências na formação. Se por um lado, isso indica a necessidade de melhoria nas instituições de ensino, por outro reforça-se um dos aspectos da cultura brasileira, conforme destacam Prates e Barros (1997): terceirização da responsabilidade”: a culpa sempre é de alguém, e não minha. Um discurso de um dos alunos merece destaque nesta questão:

Confesso que se eu tivesse tido o mesmo desempenho que tive na fase do ensino médio, a minha graduação teria sido muito melhor. Me deixei influenciar pelos erros

da faculdade e me desmotivei nos estudos. Não deveria ter feito isso. Relaxei muito mesmo e finalizei a graduação quase que empurrando com a barriga. Me dediquei ao trabalho muito precocemente, logo que percebi como a faculdade era diferente do que pensei. Foi um erro. se pudesse voltar atrás, agiria diferente!(E 16)

Se por um lado, muitos responsabilizam terceiros pela sua situação atual, como é o caso do discurso mencionado acima, que inclui faculdade, colegas, professores, etc, o que fica claro é que os alunos reconhecem que fizeram menos do que deveriam para na atualidade possuírem melhores condições de competição no mercado. Entretanto, parte significativa dos estudantes ainda não parece perceber isto enquanto estão no curso e talvez este problema derive da falta de percepção sobre o mercado de trabalho. Explicando, significa que se os estudantes têm como objetivo de suas carreiras profissionais exercerem suas profissões no mercado local, em qualquer dos cargos já aqui mencionados, provavelmente não precisem de fato de muitos esforços para concluírem seu curso.

No caso de falta de percepção sobre o mercado, o problema estaria no fato de que discussões tentadas em sala de aula com as exigências do mercado parecem não surtir nenhum efeito na motivação dos estudantes, conforme destacam alguns professores entrevistados para esta pesquisa. Assim dificilmente seria possível pensar na mobilidade social que dependa da educação e da qualificação profissional já que os esforços empreendidos pelos alunos não são suficientes para dotá-los de características que o mercado exige(SCALON,1999),

A questão 24 buscou descobrir onde os profissionais nos cargos mais altos da empresa foram formados. Destaca-se o que já foi inicialmente mencionado sobre a falta de profissionais de nível superior nas empresas onde trabalham os respondentes. Foi dito que uma parte dos cargos é preenchido por pessoas de fora da região como São Paulo, Rio Grande do Sul, Salvador. É importante registrar que uma das hipóteses pensadas neste trabalho é que nas grandes organizações da região, a maioria dos cargos mais importantes é sempre ocupada por indivíduos formados fora da região de Feira de Santana. Esta questão foi posta para os professores que fizeram parte dos entrevistados como docentes. As respostas convergem para a comprovação da hipótese de que há pouco espaço para os egressos de instituições da região em função de situações como

imagem ruim fora da região por conta do baixo nível educacional ou analfabetismo(P.1)

depende de maturidade e poucos dos nossos alunos tem. Muitos deles nem sabem porque estão ali(P.2)

Foi feita outra pergunta aos professores sobre esta hipótese: Por que você acha que isto acontece? As respostas são as seguintes:

Sim. As grandes empresas localizadas em nossa região (Ex. Nestle, Pirelli) são administradas por pessoas de fora pela péssima imagem e preconceito referente a nordestinos.(P.1)

Como a cultura diz isso, eles acabaram criando um estigma, mas isto vem mudando...Para isso, nosso trabalho é árduo, mas reforço que depende do aluno querer(P.2)

Talvez devido ao fato das matrizes serem de outras regiões (P.2)

As respostas reforçam a suposição e parecem uma situação inquietante ao se pensar qual o papel das instituições de ensino superior existentes na região estudada. Para os professores, ainda foi feita a pergunta: Se você fosse um empresário, você contraria quantos alunos egressos desta região para trabalhar no seu negócio? muitos, poucos, alguns, quase nenhum? Por que? As respostas mais significativas são as seguintes: “**Poucos**. A maioria só se mostra interessada em notas e diploma(P.1), “**Alguns**. Aqueles focados e que tem um objetivo a atingir(P.2). Não se imagina que todos os estudantes tenham os mesmos desempenhos e todos encontrarão grandes oportunidades de emprego, mas as perguntas acima buscavam refutar a hipótese sobre as diferenças de oportunidades entre formados fora ou

dentro da região investigada. Pelas respostas dos docentes, a hipótese ainda persiste e não somente dos que estão ou são de fora, mas também em parte dos professores, o que agrava a situação na medida em que o docente tem uma certa consciência do profissional que forma, mas a questão é: em que medida é possível modificar esta situação?

A questão 27 perguntou se os egressos lembravam o perfil dos professores que mais contribuíram para a sua trajetória acadêmica e sua formação profissional. As categorias dos conteúdos indicam que expressões como: exigência, respeito, criatividade, experiência profissional, compromisso além do conteúdo, parecem referenciar o perfil destes professores. Esta questão é interessante tendo em vista um número substancial de pessoas que consideram que o professor “exigente, carrasco e cobrador” é o que mais contribuiu com sua formação. Essa perspectiva é interessante quando se compara estes discursos com a postura dos alunos em sala de aula, que muitas vezes parecem preferir os professores que facilitam as suas vidas durante o curso. Por outro lado, isto pode representar maturidade destes alunos ao perceber a necessidade dos conhecimentos no mercado de trabalho.

Ainda destacam-se algumas questões importantes. Aproximadamente 55% (21 respostas) trouxeram respostas elementares ressaltando questões como compromisso, pontualidade e assiduidade. Aproximadamente 25% (10 respostas) dos entrevistados deixam claro que valorizam a importância do Professor exigente, reforçando o grupo das categorias de expressões mais presentes nesta resposta. Das respostas dos professores utilizados nesta amostra exploratória, nenhum deles mencionou as características mais presentes nos discursos dos egressos. Por outro lado, os docentes valorizam características como cordialidade, carisma, comprometimento. Em certa medida, parece haver uma diferença entre aquelas características que mais contribuem para o sucesso profissional dos alunos e o que os professores tendem a ser quando exercem suas atividades docentes. Neste sentido, se isso é importante, parece haver necessidade de repensar a forma de atuação docente como forma de mais contribuir com o processo de formação.

Na questão 28, algumas questões importantes são compreendidas. As expressões mais presentes na questão que avalia os Professores são descompromissados, facilitadores, excessivamente teóricos e apenas cumpridores de horário. Observam-se elogios aos mais rigorosos e críticas aos “cumpridores de horário”. Aparecem nos discursos dos ex-alunos as expressões: medíocres, enrolados, brincalhões, entre outros. Aproximadamente 20% (7 respostas) dos entrevistados deixaram claro que os professores que menos contribuíram para a sua formação foram o muito bonzinhos e facilitavam a sua vida. É um dado muito importante, pois traz à tona a percepção de que pelo menos uma parte dos estudantes valoriza o rigor e a exigência dos professores. Além disso, 8 respostas criticam métodos arcaicos o que nos dias atuais parece inaceitável e criticam também o excesso de teorias. Se por um lado, há uma valorização dos professores exigentes, várias respostas criticam os métodos repressivos e carrascos.

A questão 29 investigou a percepção dos entrevistados sobre a importância da formação superior para os empresários da região. Nesta questão, a maioria das respostas é não: 54% afirmam que os empresários não valorizam a formação superior e demonstram isso pela baixa remuneração e pela contratação de pessoas com nível superior para trabalho que poderia ser feito por pessoa com qualificação inferior. Por outro lado, o fato de serem empresas de pequeno e médio portes dirigidas por pessoas sem nenhuma formação dificulta a compreensão da importância do profissional de nível superior. No que se referem aos discursos dos entrevistados, alguns deles podem ser destacados:

Não, a remuneração oferecida na região é muito baixa e praticamente não existem planos de cargos e salários nas empresas privadas(E.39)

Os empresários com pequenas e médias empresas não valorizam os profissionais com formação superior, não pagam o valor que eles realmente merecem e muitos deles não incentivam os funcionários a buscar uma qualificação melhor (E.46).

Não, pois se valorizassem não haveria a quantidade de profissionais trabalhando fora da área ou desempregados.(E. 23)

As respostas destacam as dificuldades de mercado, na figura dos empresários, para os egressos de cursos superiores nesta região. Uma questão aparece que ainda não havia se manifestado que é a crítica às instituições de estágio, aquelas criadas para intermediar a relação entre escolas e empresa para colocação de estudantes na função de estagiários. Segundo o entrevistado E.28 até estas instituições contribuem para a desvalorização dos egressos dos cursos superiores aqui analisados.

A questão 31 procurou identificar a percepção dos entrevistados sobre as semelhanças entre instituições de ensino superior da região e de outras regiões. Perguntou-se se ele acha que as faculdades em todas as regiões do país oferecem aos seus estudantes as mesmas chances de ocupar qualquer cargo em empresas de todos os portes e principalmente de grande porte. Das 46 respostas, 27 disseram que as faculdades não oferecem as mesmas oportunidades para as pessoas em todas as regiões do país. Chama mais atenção a repetição em dizer que não há homogeneização do ensino no sul e no nordeste e as diferenças entre a qualidade da formação oferecida. 58,69% das respostas dizem que é diferente. Para os estudantes, há diferenças significativas entre os estudantes formados em regiões do sul e sudeste e as regiões norte e nordeste. Alguns discursos se destacam nesta questão:

Há faculdades que oferecem cursos que não foram aprovadas pelo MEC.(E.46)

Não. A região norte e nordeste ainda sofrem bastante com preconceito e baixo nível de ensino. A oportunidade de ocupar uma vaga de alto escalão em uma grande organização será mais seguramente ocupada por um candidato da região sul ou sudeste em detrimento das outras regiões desfavorecidas.(E. 7)

Muitas instituições estão ofertando aos seus discentes apenas a certificação (E.22)

Esta questão foi fortemente avaliada negativamente, isto é, parte significativa dos indivíduos acredita que exista uma diferenciação importante entre instituições de regiões diferentes. Isto reforça provavelmente a hipótese já destacada pela percepção de alguns que muitas organizações grandes preferem os profissionais formados em outras regiões em detrimento de profissionais do norte e nordeste. Mesmo assim, muitos acreditam que seja possível reverter tal situação caso exista um esforço do tipo aluno-professor-faculdade. Aspectos como diferenciação, preconceito, deficiências de professores e instituições, falta de alinhamento entre teoria ensinada e exigência do mercado parecem ser os pontos mais críticos desta avaliação. Sobre a questão do mercado e as questões dos professores, algumas questões podem ser discutidas. Perguntou-se ao professor: você acha que seu conteúdo está alinhado com as demandas das grandes organizações de sua região e fora dela? Como você avalia esta relação? Os professores que participaram desta parte do trabalho destacaram o seguinte:

Meu conteúdo é baseado nas grandes Universidades do país(P.1)

Em parte. Não só porque trabalho no mercado a 15 anos como administrativo bem como através das colocações do alunos sobre os exemplos e assuntos que são tratados. O que falta é melhorar a forma de exposição, precisa ser mais atrativa,(P.2)

Acredito que sim(P.3)

É interessante como as percepções dos estudantes divergem da percepção dos professores. Enquanto aqueles percebem haver uma diferença entre o que se ensina na região e o que se ensina em outras e por isso os alunos de outras regiões têm maiores vantagens competitivas, os professores consideram que estão alinhados com as demandas do mercado. É uma situação interessante na medida em que os fatos parecem indicar que a hipótese proposta neste trabalho vai se confirmando, o que pode indicar que parte do conteúdo das instituições na região estudada ainda não se adequa corretamente às demandas das grandes

organizações, como um dos egressos afirmou: “Acho que as outras faculdades por possuírem maior quantidade de grandes organizações, elas direcionam os seus estudantes para atuar dentro dessas grandes empresas”(E.3).

A questão 32 verificou a percepção geral dos egressos a partir de suas experiências profissionais. Pediu-se: Agora que você está formado, que avaliação você faz da melhoria de vida das pessoas após o curso superior? Das 46 respostas, 8 disseram que não perceberam nenhuma mobilidade social por conta do nível superior, e que eles investiram e só conseguiram o título, nada mais. É um dado preocupante se relacionado com as respostas anteriores. 29 respostas reportam que o nível superior traz a mobilidade social, mas as respostas sinalizam que mobilidade social é entendida pelos entrevistados de diversas formas, como prestígio na sociedade e na família, reconhecimento (sem aumentos) na empresa, aumento de conhecimento, e até a inclusão em determinados ciclos. Das 37 respostas, 2 disseram que sentem falta da língua estrangeira para melhorar ainda mais a vida profissional. Algo parece indicar que a percepção dos egressos leva a entender que a mobilidade social aqui destacada, que inclui, principalmente a mudança na remuneração e ascensão não foi muito destacada. Alguns discursos merecem destaque:

Olha, o status de ter uma formação superior com certeza é considerável por todos, principalmente para a sociedade, todos começam a te olhar de maneira diferente inclusive na empresa, mesmo que ela não te de um reconhecimento financeiro. (E.5)
Ressalto: elas preferem pessoas graduadas para lhe dar lucro não para valorizar o empregado ou então não pagavam tão mal seus colaboradores(E. 11)

Assim sendo, a graduação traz possibilidades importantes para os entrevistados, mesmo que isso não se reflita na remuneração, por exemplo. De qualquer forma, há uma situação que merece reflexão sobre o papel das instituições de ensino superior na região em estudo.

Considerações finais

Neste estudo exploratório, buscou-se investigar o papel das instituições de ensino superior como esta alavanca que pode patrocinar a mobilidade social tanto vertical ascendente (LINS, 1999), como a intrageracional que ocorre com o próprio indivíduo .Neste sentido, é possível fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, a partir das entrevistas realizadas, é possível identificar algumas categorias nos seus discursos. Estas categorias são fatores que afetam em alguma medida o processo de mobilidade dos estudantes da região estudada. Assim, destacam-se as categorias de Estudantes, professores, empresários, Instituições, mercado de trabalho, Empresas. Cada uma destas categorias atua como um fator que pode ser determinante neste processo.

A instituição aparece caracterizada como deficiente, desatualizada e descompromissada quando não possui por exemplo o reconhecimento do curso, mas ainda assim abre vagas e continua formando alunos. A categoria professores destaca-se pela forma negativa tanto quando a categoria instituições. Estes desempenham um papel importante, mas aparecem muitas vezes como displicentes, sem compromissos, didaticamente desatualizados e desconectado com as demandas do mercado. As empresas aparecem como de pequeno porte, o que limita muito a atuação dos profissionais formados. Aparecem também como discriminatórias na medida em que as de grande porte não oferecem as mesmas chances para os profissionais formados na região.

A categoria Estudante destaca-se pelo pouco esforço, dificuldade de conciliar trabalho e estudo, vítima do sistema formado pela instituição e pelo professor e ainda como desligado das necessidades do mercado. Os empresários formam a categoria que mais dificulta os processos de ascensão profissional, na medida em que primeiro não oferecem salários

adequados para a função de administrador e ainda contratam pessoas com esta formação para desenvolverem atividades que não exigem necessariamente nível superior. O mercado reflete a atuação das categorias empresas e empresários. São poucas as grandes organizações, onde os egressos possam desenvolver suas habilidades, o que os leva de volta a procurar empregos em organizações menores, obrigando-os a suportar os problemas já mencionados.

A mobilidade social esperada pela formação superior não parece muito animadora quando se realiza esta pesquisa exploratória. A análise dos dados permite comungar com as proposta de Meyer (1977) na medida em que as instituições de ensino superior na região têm funcionado muito mais para inserir as pessoas no mercado de trabalho, mas não dando-lhes as condições necessárias para efetuarem a desejada mudança de classe social conforme descreve Lins (1999). Os empregos encontrados pelos indivíduos desta amostra ainda referem-se a empregos típicos de empresas de pequeno porte, o que reforça a perspectiva de Meyer (1999) ao destacar que a educação se encarrega mesmo é de manter as pessoas, praticamente na mesma posição em que se encontravam antes.

Mesmo a mobilidade intrageracional de Lins (1999) não se é possível destacar, já que Scalon (1999) chama a atenção para o fato de que a mobilidade exige educação e qualificação profissional. Não basta simplesmente ter concluído o nível superior, é preciso que esse conhecimento seja aquele que o mercado exige dos profissionais. Neste sentido, quando Lucchesi (1999) considera que o conhecimento é gerador de riquezas e bem estar social, tem-se que considerar que seja de fato o que o mercado demanda. Em certa medida, os ex alunos parecem afirmar que os conhecimentos obtidos estariam um tanto quanto fora do que esse mercado exige, o que levaria os egressos à exclusão deste mercado mais promissor que lhes permitira um reconhecimento profissional maior e consequentemente remunerações maiores, o que promoveria a ascensão social destes indivíduos.

Assim sendo, a questão que se coloca de volta é a seguinte: que papel tem desempenhado as instituições de ensino superior na região de Feira de Santana? As respostas podem ser variadas, mas este trabalho começa a mostrar sinais de que alguma coisa não parece conduzir a uma resposta positiva no que se refere à capacidade de estas instituições promoverem a desejada mobilidade social. Indicado pelos tipos de empregos que eles têm e pelas empresas nas quais trabalham, pelas limitações de conhecimentos quando comparados com outras regiões, especialmente sul e sudeste. As instituições deveriam criar no contexto escolar, situações que levassem estes estudantes a refletirem sobre o papel da educação em suas carreiras profissionais, e a partir disto emancipar-se em busca de contextos mais interessantes profissionalmente. E em segundo lugar, e reforçando o ponto acima, as instituições de ensino superior, como instituições que são, conseguem convencer estes mesmos estudantes de que eles estão adequadamente preparados para atuarem no mercado de trabalho local, mercado este já aqui devidamente qualificado. Em resumo, e em consequência, o papel destas instituições parece mais de convencer os estudantes de continuarem onde estão do que de lhes abrir uma janela que os tornaria mais capazes de ver além das limitações deste mercado próximo.

Por tratar-se de um trabalho exploratório, algumas limitações podem ser destacadas. Entre elas, menciona-se a limitada amostra de egressos, justificada pelas dificuldades das instituições de ensino em colaborarem com a divulgação do instrumento de coleta ou de fornecer aos pesquisadores acesso a estes alunos. Limitada também quantidade de professores já que da mesma forma que os alunos, não quiserem manifestar suas percepções sobre o tema aqui tratado.

Referências

- BARROS, R.P.A. A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, Ricardo (Org). Desigualdade e pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA, 2000
- BARROS, R.P.A; LAM, D. Income inequality, inequality in education and demand for schooling in Brazil. In: Seminário em Educação Crescimento e Desigualdade no Brasil, 1991.
- BARROS, R.P.A; SANTOS, E. Consequências de longo prazo no trabalho precoce. Rio de Janeiro: IPEA, 1991
- FIGUEIREDO, Fábio Ferreira. Educação superior e mobilidade social: limites, possibilidades e conquistas (Tese de Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006
- FRANCO, Maria Aparecida Ciavatta; CASTRO, Claudio de Moura. A contribuição da educação técnica à mobilidade social. Cadernos de Pesquisa: São Paulo (36):41-66, fev, 1981.
- HALL, Peter A; TAYLOR, Rosemary C. As três versões do neo-institucionalismo. **Lua Nova**. 2003, no. 58, p. 193-223
- LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. Ensaio: Educação, escolarização e mobilidade social. Ensaio: avaliação política pública educação. v.07 n.23 Rio de Janeiro abr./jun. 1999
- LUCCHESI, M.A.S. Um paradigma para a universidade no limiar do século XXI (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.
- MEYER, John W. The effects of education as an institution. *The American Journal of Sociology*, V.83, n.1, Jul, 1977.55-77
- MEYER, John; ROWAN, Brian. Institutionalized organizations: formal structure as myth and ceremony. *American Journal of Sociology*, 83, 340-352, 1977.
- PASTORES, José. Desigualdade e mobilidade social no Brasil. São Paulo : EDUSP, 1979
- PASTORE, José; ZYLBERSTAIN, D. Tendências da mortalidade no Brasil e em São Paulo. S.:S.n, 1991(IV Forum Nacional)
- PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. Mobilidade social no Brasil. São Paulo : Makron Books, 2000.
- RAMOS, Lauro; VIEIRA, Maria Lúcia. Determinantes da desigualdade de rendimentos no Brasil nos anos 90: discriminação, segmentação e heterogeneidade dos trabalhadores. In: HENRIQUES, Ricardo (Org). Desigualdade e pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA, 2000
- SCALON, Maria Celi. Mobilidade Social no Brasil: padrões e tendências. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.
- SCOTT, W. Richard. Institutions and organizations. 2nd ed. California; Foundations for organizational science, 2001
- SILVA, Nelson Valle. As duas faces da mobilidade social. *Dados*, n.21, 1979, pp.48-49
- SOROKIN, Pitrim. **Estudo da Realidade Brasileira**. Capítulo 4. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAeoXwAG/capitulo-04-estudo-realidade-brasileira>>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- SOUZA, Rainier. **Mobilidade Social**: Principais definições. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/sociologia/mobilidade-social.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2012
- SOUZA, Pedro Ferreira de; RIBEIRO, Carlos Antônio Costa; CARVALHAES, Flavio. Desigualdade de oportunidades no Brasil: considerações sobre classe, educação e raça. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (25), n.73, jun.2010, pp.77-100